

JORNADINHA DE VERÃO DO ESPAÇO MOEBIUS

22 de março de 2025.

Algumas Reflexões Sobre o Poder

Poder vem do latim 'Potere': o direito de deliberar, agir e mandar e, dependendo do contexto, a faculdade de exercer a autoridade, a soberania ou o império de dada circunstância ou a posse do domínio, da influência ou da força. Pensa-se também em força física ou moral, domínio, posse, o que geralmente remete à ideia de poder político. Contudo o poder não se limita somente ao âmbito político, pelo contrário, sempre esteve presente nas relações humanas.

No entanto, na idade moderna houve uma grande colaboração da filosofia para a compreensão do que é o poder que tem mudado nos diferentes regimes.

Numa República as leis são expressões da vontade popular. É a virtude que leva os cidadãos a buscarem e defenderem o bem do Estado em detrimento do interesse particular. Na monarquia elas expressam a vontade do rei (muitas vezes em conformidade com a tradição e o costume vigente). No despotismo, o governante exerce o poder por meio de leis e decretos. É o medo diante da ameaça da violência repressiva que faz com que se cumpram suas ordens e determinações.

Para Michel Foucault, o poder acontece como uma relação de forças. Este está em todas as partes, todas as pessoas estão envolvidas por relações de poder. Baseado em dois termos fundamentais para aprofundar o modo como o poder se manifesta, Foucault fala no biopoder que se exerce sobre os indivíduos e na biopolítica que age em nível coletivo.

Segundo o autor, não existindo o poder, o que temos são relações de poder que se manifestam através de uma força que coage, disciplina e controla os indivíduos e as coletividades. Segundo ele, as finalidades das práticas de adestramento eram a disciplina e a reclusão, tendo em vista a docilidade dos corpos.

O poder sempre foi e continua sendo essencialmente masculino. Do ponto de vista histórico, a partir das décadas finais do século XX, as relações simbolicamente construídas entre os sexos foram abaladas nas suas estruturas pela emergência de um lado social feminino que rejeitou as noções solidificadas dos conceitos de superioridade e inferioridade.

Nas discussões globais, comandadas por mulheres, inclui-se a possibilidade de se edificar uma nova ordem que privilegie uma relação cooperativa e solidária entre os

sexos, objetivando mudanças nessas esferas que levam a questionar as estruturas de poder da forma como este se apresenta no mundo atual e que não têm levado em conta as diferenças, fator crucial para a manutenção da ordem, da civilização e da paz entre os seres humanos.

As diferenças físicas e psíquicas entre homens e mulheres são utilizadas como fator de desigualdade e discriminação, onde o sexo feminino padece numa situação de inferioridade e subordinação apesar das conquistas ainda incipientes legadas pelo século XX.

O movimento feminista pode ser considerado a ruptura que possibilitou uma das transformações mais radicais deste século qual seja a modificação da posição das mulheres na sociedade ocidental. Em poucas décadas o feminismo mudou relações de autoridade milenares, abalou a estrutura tradicional familiar e promoveu um rompimento com formas de alienação consideradas naturais, entre as quais a secular submissão das mulheres aos homens. A ideia de inferioridade das mulheres é ancorada até hoje em razão da sua maior fragilidade física e intelectual.

Nos finais dos anos 60 e mais acentuadamente nos anos 1970, o movimento feminista que havia passado por um período de estagnação nos vários países do mundo ocidental, ressurgiu com força, reivindicando para as mulheres um lugar no mundo até então reservado apenas aos homens. Ao final de 1970, as feministas passaram a desconsiderar com maior veemência as questões das desigualdades de fundo biológico e deslocaram o eixo das diferenças para o aspecto cultural, propondo uma separação entre o espaço público e o privado, afirmando que as mulheres poderiam desempenhar os mesmos ofícios que os homens e, portanto, possuíam as mesmas capacidades e direitos sociais e políticos.

Havia nos postulados feministas uma reivindicação por liberdade e pelos direitos de exercerem a sexualidade sem as barreiras impostas pelo preconceito. Nas décadas seguintes, paulatinamente se instaurou um tipo de comportamento sociopolítico defensor de uma cultura não sexista que rejeitaria os antigos paradigmas de submissão e opressão. Ao ocupar espaço na produção científica foi possível chegar ao reconhecimento dos estudos de gênero em áreas das Ciências Humanas como a Psicanálise, entre outras.

Nos estudos de gênero, os dois sexos devem ser educados em um sistema de relações que ultrapassa a oposição binária masculino e feminino. Gênero não significa o mesmo que sexo, isto é, sexo refere-se à identidade biológica de uma pessoa e o gênero diz respeito à sua construção como sujeito masculino ou feminino.

Enquanto as diferenças sexuais biológicas são naturais e imutáveis, o gênero é estabelecido por ajustes sociais, variando segundo as épocas e os seus padrões

culturais e pode ser modificado. As opções sexuais estão presentes em todas as construções sociais.

Segundo o Discurso do Mestre em Lacan, o poder está localizado no lugar da “verdade”, nos Discursos Radicais, onde o significante mestre adquire o estatuto de uma lei que corresponde à própria lei da linguagem (Aurélio Souza em Os Discursos na Psicanálise, 2008). Continua Aurélio Souza. É o significante mestre que ‘comanda e *faz* fazeros “pequenos outros”, os escravos a desempenharem seu ofício” (Souza, 2008, p. 124) e lhes indica uma relação a manter com o gozo.

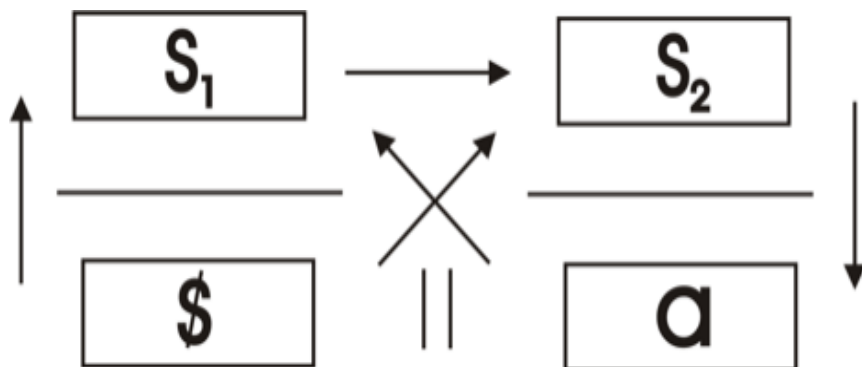
Essa condição de “escravo” na dialética hegeliana se opõe ao “senhor”. Esse discurso, portanto, entre o “senhor” e o “escravo”, desconsidera o saber deste último, relegando-o ao outro lugar, o mais distante possível daquele ocupado pelo “senhor”. “Neste dispositivo linguageiro, o que preocupa ao “senhor” não é o Saber que é produzido pelo escravo, mas um poder” (Souza, 2008, p. 125).

Segundo Lacan essa condição de “escravo” passou a ser ocupada na modernidade pelo proletário e dentro da família quem veio ocupá-la foi o próprio “pai”.

O significante- mestre, ao dar seu sinal, determina que todos corram ao trabalho, visando produzir esse tipo de Saber que se escreve com S₂, no lugar do “outro significante”. Aqui, não se trata do “Saber inconsciente”, mas de um tipo de “saber fazer” que o escravo adquire com seu trabalho (Souza, 2008, p. 125).

Lacan formulou num enunciado; “o saber é o gozo do Outro”. “No discurso do mestre o gozo vem desse “outro lugar”, já que é ele que tem os meios linguageiros possíveis. E inferiu ainda que o escravo por mais que trabalhe, existirá sempre uma impotência para que seu Saber possa ser todo apreendido pelo “amo”. É um Saber que se adquire com limites. (Souza, 2008, p. 125).

Discurso do Mestre



Após ter realizado a presente pesquisa coincido com a opinião de Souza de que “a fala se transforma num instrumento de poder que, age sobre o “outro” no lugar de gozo.

Maria Virginia de Araujo Carvalho
Salvador 2025

Referencias:

Souza Aurélio. Os Discursos da Psicanálise/Aurélio Souza; editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud 2008